

"Cada país sabe o que quer"

Washington (Do Enviado Especial) — "Quando o Brasil pede a redução da transferência de renda líquida ao exterior não é por uma questão de capricho, mas por uma necessidade" — disse ontem o ministro da Fazenda, Dilson Funaro, ao responder a declarações feitas pela manhã por um alto funcionário do Departamento do Tesouro, para quem a alternativa para não se submeter ao programa do Fundo Monetário Internacional seria pagar os atrasados com os governos do Clube de Paris.

"Cada um entende do seu país" — reagiu o ministro, após muita insistência dos jornalistas, lembrando que cabe ao Governo brasileiro "conduzir a negociação externa de forma a garantir o crescimento da economia". Ele considerou "uma visão míope" a posição que funcionários americanos têm transmitido em off à imprensa, segundo a qual o Brasil, ao insistir na necessidade de reabertura das linhas oficiais de crédito e acesso ao mercado voluntário, está dando a entender que vai precisar de dinheiro novo dos bancos credores.

"Nossas conversas têm sido num nível muito mais sério e profundo, procurando recolocar as discussões de forma a encontrarmos soluções conjuntas para o

problema do endividamento externo, que não é só do Brasil" — explicou o ministro, que embarcou ontem para Nova Iorque, de onde deve seguir para o Brasil à noite, dois dias antes do término oficial da quadragésima primeira assembleia anual do FMI e do Banco Mundial. Esta discussão com os governos, FMI, Bird e banqueiros está baseada em três pontos básicos, segundo Funaro:

— Primeiro, o Brasil acha que tem que haver um ajuste interno, e que já fez este ano; Segundo, é preciso haver uma ajuda dos governos para o restabelecimento de fluxo de recursos oficiais e, terceiro, é preciso buscar o acordo com os bancos credores dentro do mesmo princípio, de volta à normalidade do mercado e redução das nossas transferências líquidas de recursos ao exterior.

Ele estranhou as colocações atribuídas a funcionários do Tesouro, lembrando que, embora em termos concretos, não se registrou ainda nenhum resultado. "Houve avanços significativos, mas em termos de tendência, e estamos muito próximos de mudanças de conceitos" — explicou, referindo-se ao trabalho que vem desenvolvendo para que os credores aceitem apenas o artigo quatro do estatuto do FMI, com algumas variações que não

quer adiantar por enquanto.

Com relação à assembleia do FMI/Banco Mundial, que agora se limita a uma sucessão de pronunciamentos dos ministros dos 151 países-membros, Funaro acha que os pontos mais concretos, em termos dos problemas da economia mundial, foram as atitudes do Japão e da Alemanha diante da proposta americana para redução de seu próprio déficit comercial sem que o mundo Ocidental entre em recessão. O Japão tomou a atitude de abrir um pouco mais sua economia, importando mais e com isso contribuindo para melhorar as perspectivas do comércio mundial também para o Terceiro Mundo.

A Alemanha ainda não aceita totalmente, mas já encaminhou pelo menos as discussões visando baixar suas próprias taxas de juros e reativar seu crescimento econômico, como quer o governo americano. O ministro da Fazenda acredita que isto levará também a uma redução das taxas de juros nos Estados Unidos, que beneficiará os países devedores como o Brasil. O resultado positivo desta reunião, de acordo com outros observadores, foi o afastamento da perspectiva de uma crise financeira maior.